

**PODER E RAZÃO NO GÓRGIAS: BREVE ANÁLISE SOBRE OS ARGUMENTOS
CONTRÁRIOS DE CÁLICLES E SÓCRATES NO DIÁLOGO TARDIO DE PLATÃO**

*Power and reason in Gorgias: brief analysis on the contrary arguments of Cálicles
and Socrates in the late dialogue of Plato*

Milena Tarzia¹

Quando nos voltamos com olhar cuidadoso sobre a vasta obra de Platão, questionamo-nos, atônitos, se, de fato, existiu homem que compreendesse tão bem o ser humano, em seus múltiplos aspectos. Ainda que se rejeite toda a sua concepção de alma, ou que se critique todo o seu pensamento ético e político, muito restaria para refletir diante da imensidão e da profundidade de seus diálogos. No entanto, não nos atentaremos, no breve ensaio, ao caráter abrangente e complexo da dialética platônica. Ao contrário, procuraremos traçar breves caminhos que nos aproximem da tentativa platônica de compreender o mundo e a filosofia, no período antigo. Para tanto, utilizaremos um dos mais longos diálogos platônicos, ao lado da *República*, a saber, *Górgias*, também nome de conhecido orador (sofista) da época.

Não é por acaso que boa parte dos estudiosos da filosofia antiga classifica esse diálogo como sendo tardio, oriundo da fase de maturidade em que Platão começa a desvencilhar-se da figura de seu mestre, Sócrates. Trata-se de uma obra de contexto único em que o tema é voltado para a retórica, técnica de persuasão utilizada pelos sofistas, em contraposição à filosofia socrática, baseada na razão e na virtude.

Longe de querer tecer conjecturas sobre se se deve ou não corroborar com as teses que sustentam a divisão do trabalho filosófico-literário de Platão,

¹ Professora Universitária, Coordenadora do Curso de Direito da FASC/OAPEC, Doutoranda em História pela UNESP/Assis, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Advogada (Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Maringá - UEM), Graduada em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduanda em História (UNIP). Parecerista da RBCCRIM, Parecerista da Editora Abril e Editora-chefe da REJU. É sócia da SBEC - Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, da ABHR - Associação Brasileira de História das Religiões e da ABAMO - Associação Brasileira de Arqueologia do Mediterrâneo Oriental. É membro do NEAM - Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UNESP/Assis. Foi membro do Grupo de Estudos de Pragmatismo da PUC-SP. Coordenou o grupo de estudos Existência, em São Paulo, e os grupos de estudos Nietzsche e Albert Camus, em Bauru-SP. Coordenou o Núcleo de Extensão Universitária (NEXTU) da FASC/OAPEC e o Grupo de Estudos em Filosofia do Direito (GEF), da Faculdade de Direito de Santa Cruz do Rio Pardo (OAPEC ENSINO SUPERIOR). Atualmente, pertence ao Corpo Docente da Faculdade de Direito de Santa Cruz do Rio Pardo (OAPEC ENSINO SUPERIOR).

parece-nos, antes, que sua criação se comporta como um todo unitário, mas que, como tudo que também comporta grandeza e consistência, passa por diferentes períodos – reflexos do tempo sobre aquilo que o transcende: a arte.

Na obra em apreço podemos vislumbrar três interlocutores principais que desafiarão Sócrates sob o argumento da oratória: Górgias, Polo e Cálicles. Por ora, pretendemos debruçar o raciocínio apenas sobre a figura do terceiro interlocutor, Cálicles.

Ao que tudo indica, tratar-se-ia de personagem de cunho fictício, imaginado por Platão com o fim de representar o poderio político e sofístico da época. É pela boca de Cálicles que Platão irá contrapor o poder à razão. Ora, mas de que forma essa contraposição acontece?

Ela tem início com o argumento de Cálicles sobre a predominância das leis da natureza sobre as leis convencionais. Na visão de Cálicles, decorre do direito natural que o mais forte governe e possua mais bens que o mais fraco, acovardado. Ele inicia seu argumento sobre a predominância natural do mais forte, equiparando-o ao mais poderoso, mais livre e melhor. Todavia, as leis humanas teriam sido instituídas pelos fracos e pela maioria:

É para eles e no interesse próprio que são feitas as leis e distribuídos elogios, onde haja o que elogiar, ou censuras, sempre que houver algo para censurar. E para incutir medo nos homens fortes e, por isso mesmo, capazes de alcançar mais do que eles, e impedir que tal consigam, declaram ser feio e injusto vir alguém a ter mais do que o devido, pois nisto, precisamente, é que consiste a injustiça; querer ter mais do que os outros.²

Nesse sentido, Cálicles julga que o melhor é também o mais forte por ser o de mais valor e coragem; o mais forte também seria aquele que trataria dos negócios públicos da cidade, o governante. Por fim, o orador perpassará pelas noções hedonistas, de que é preciso expandir os apetites e as paixões humanas, intensificando-as em seu limite e alimentando-as com inteligência.

Não obstante Cálicles pareça em sua fala definitivamente convincente, Sócrates rebaterá cada argumento, utilizando-se de sua lógica, com base na analogia, na ironia, entre outras técnicas. Sócrates questionará e mostrará a Cálicles que a maioria a que ele se refere é mais forte que um só homem, que as

² PLATÃO. *Protágoras, Górgias, Fédon*. Pará, UFPA, 2002, p. 304.

leis da maioria são as leis dos mais fortes e que, portanto, são as mais belas. Que a justiça – pano de fundo do diálogo – consiste na igualdade entre Lei e Natureza.

Partindo da premissa de que a justiça é igualdade, Sócrates indaga se é pior praticar injustiça ou sofrer, ser vítima de injustiça. Cálicles, muito rapidamente, se manifesta, opinando em favor de ser vítima de injustiça. Para o orador, não há nada pior que ser escravo, seja lá de que ou de quem. Mas Sócrates não se dá por vencido e busca evidenciar ao colega em que ponto suas reflexões são insuficientes. Para tanto, desloca o teor do assunto e passa a discorrer sobre o governo de si mesmo por meio da temperança, da virtude e da razão. Ou seja: o melhor é também o mais justo e mais alegre e só o é diante da escolha racional.

Sócrates reina no diálogo justamente porque consegue sujeitar Cálicles ao raciocínio lógico de predominância da justiça sobre a injustiça, da razão sobre o poder, da verdade sobre a falácia, da filosofia sobre a retórica. Ao colocar em cena o choque entre os pares de opostos (bem e mal, saúde e doença, força e fraqueza, prazer e dor), Platão expôs uma das condições-base de seu pensamento filosófico, além de deixar escapar algumas inclinações de cunho pitagórico, como podemos observar quando do momento em que Sócrates cita o que aconteceria com os não iniciados, sem fé nem memória:

É possível, até, que estejamos mortos; eu próprio já ouvi certo sábio declarar que estamos realmente mortos e temos por sepultura o corpo, e que a porção da alma em que residem os desejos é facilmente sugestionável e conduzida de um lado para o outro, de onde veio a um sujeito espirituoso e criador de mitos — provavelmente siciliano ou itálico — jogando com as palavras, a idéia de dar o nome de pipa à alma, por deixar-se facilmente encher de sugestões; os infensos ao estudo chamou de não iniciados, e a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter, comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade. Ao contrário de tuas conclusões, Cálicles, essa pessoa nos mostra que no mundo das sombras — o mundo invisível, conforme ele se exprime — os mais infelizes são os não iniciados, pois carregam água para o tonel furado num crivo também cheio de furos. Por esse crivo ele entendia a alma, como me explicou quem me contou a história. Comparou a alma dos insensatos a um crivo que é cheio de furos, pois nada consegue reter, visto carecer de fé e memória.³

³ PLATÃO. *Protágoras, Górgias, Fédon*. Pará, UFPA, 2002, p. 313.

Todo o diálogo nos leva a crer que é só de posse da justiça e da temperança que o homem consegue viver bem e feliz. E que é por meio da alma que se dá essa ordem (*kosmos*) que Sócrates tenta revelar no *Górgias*, fazendo uso dos conceitos dos contrários como triunfo da razão sobre o poder. Parece-nos que Platão, ao colocar Cálicles como censor da filosofia e dos que a ela se dedicam, busca exhibir sua proposta política, melhor delineada em outras obras, de que a persuasão e a coerção são instrumentos indispensáveis ao filósofo-rei, àquele que deseja governar a si e aos outros.

A obra tem fim com um mito escatológico sobre a imortalidade da alma, momento em que Platão fortalece a argumentação dos outros diálogos. Já a argumentação de Sócrates no *Górgias*, apesar de convencer Cálicles por analogia, não convenceu nem convence muitos leitores até os dias de hoje.

Por derradeiro, conclui-se que Platão precisou elaborar e destrinchar mais suas reflexões para atingir o interlocutor, utilizando-se, também, de certo modo, da persuasão inerente à retórica – com a sutil diferença de que, em Platão, a retórica possui cunho pedagógico e instrutivo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes, São Paulo, 2007.

BRISSON, L. *Platon: les mots et les mythes*. Paris: François-Maspero, 1982.

BURKERT, W. *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: EDUSP, 1992.

BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. M.J Simões Loureiro. Lisboa: Serviço de educação – Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CALOGERO, Guido. *Miti ed amori platonici: Scritti minori di filosofia antica*. Roma: Bibliopolis, 1985.

ELIADE, M. *La nascita mistica: riti e simboli d'iniziazione*. 2. ed. Trad. Armido Rizzi. Brescia: Morcelliana, 1980.

GOLDSCHIMIDT, V. *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

JAEGER, W. *Paideia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KAHN, C. *Plato and Socratic Dialogue: The Philosophical Use of Literary Form*. Cambridge, University Press, 1996.

MARROU, H. I. *História da educação na Antiguidade*. Trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo: EPU, 1990.

MATTÉI, Jean-François (Dir.). *La naissance de la raison en Grèce: Actes du Congrès de Nice, mai 1987*. Paris: Presse Universitaires de France, 1990.

MERLAN, P. *Religion and Philosophy from Plato's Phaedo to the Chaldaean oracles*. *Journal of the History of Philosophy*, n. 2, v.1, 1963.

PAPANOUTSOS, E. P. *L'expérience religieuse chez Platon*. Athènes: Dodone, 1971.

PAPULI, G. Pitagorismo e formação dell'idealismo platonico secondo la tradizione storiografica. *Bolletino di Storia della Filosofia dell' Università degli Studi di Lecce*, n. 4, 1976.

PLATÃO. *Protágoras, Górgias e Fédon*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém. Editora Universitária – UFPA, 2002.

_____. *Diálogos: Teeteto e Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

_____. *Fedon*. Trad. Maria Teresa Schiappa de Azevedo. São Paulo: UNB, 2000.

_____. *Mênnon*. 4ª ed. Trad. Maura Iglesias. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1976.

REALE, G. *Storia della filosofia greca e romana – Orfismo e Presocratici naturalisti*. Milano: Tascabili Bompiani, v.1, 2004.

_____. *Para uma nova interpretação de Platão – Releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das doutrinas não escritas*. São Paulo: Loyola, 1997.

RUIZ YAMUZA, E. *El mito como estructura formal en Platón*. Madrid: Publicaciones de la Universidad de Sevilla, 1986.

SMITH, J. E. *Plato's use of myth in the education of philosophic man*. Phoenix, n. 40, 1986.

SPIEGEL, N. *The essence of Orphism and its place in Greek philosophy*. Jerusalem, n. 20, 1969.

VERNANT, J-P. *Mythe et religion en Grèce ancienne*. [S.l.]:Éditions du Seuil, 1990.

VICAIRE, P. *Platon et Dionysos*. Bulletin de l'Association Guillaume Budé, n. 4, 1958.